

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

36

INSCRIÇÕES 162-164



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1990

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O *FICHEIRO EPIGRÁFICO* publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of *CONIMBRIGA* whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do
CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra

Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja

Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos

Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José
d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA"
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



Depósito Legal N° 191563/03

UMA PLACA MONUMENTAL DE PONTE DE SOR

(Aritium Vetus, Conventus Scallabitanus)

Foto 162

Fragmento irregular de grande placa de mármore do tipo Estremoz-Vila Viçosa, com trecho de inscrição monumental. Foi achado fortuitamente na cidade de Ponte de Sor (freguesia e concelho do mesmo nome, distrito de Portalegre), a 7 de Dezembro de 1990, no decorrer das obras perto do mercado municipal, juntamente com muitas ossadas humanas⁽¹⁾. Guarda-se agora nos Paços do Concelho.

O fragmento contém parte da moldura superior (do tipo gola encurtada com ranhura exterior) e algumas letras das duas primeiras linhas do texto. Apresenta-se com bastante pátina e desgastado por efeito da erosão das águas. A parte de trás está afeiçoada mas não polida. Não há sinais de argamassa nem vestígios de buracos de suspensão.

Dimensões: (52) × (78) × 10/6,3.

Campo epigráfico: (44) × (78).

[IMP(erator) . CAESAR . DIVI . NERVAE . F(ilius) . NERVA .
TRAJ]IANVS . OP[TIMVS / AVG(ustus) . GERMANICVS .

⁽¹⁾ As ossadas pertenceram, decerto, ao cemitério adjacente a antiga igreja ora totalmente desaparecida. Sobre este achado publicou um de nós (José Rafael) breve notícia no jornal «Ecos do Sor» (Ponte de Sor), de 14 de Janeiro de 1991 (pág. 12).

DACICVS . PONT(*ifex*) . MAX(*imus*) . TRIB(*unicia*) . PO]T(*estate*) .
XVIII (*undevicesima*) . [IMP(*erator*) . XI (*undecimum*) / CÔ(n)S(*ul*).
. VI (*sextum*) . P(*ater*) . P(*atriae*) (...)]

O imperador César Nerva Trajano, Ótimo, Augusto, Germânico, Dácico, pontífice máximo, no seu 19.º poder tribunicio, imperador pela 11.ª vez, seis vezes cônsul, Pai da Pátria ...

Altura das letras: 12,5. Espaços interlineares: 1: 3; 2: 2; 3 e 4: ?

Caracteres monumentais quadrados, de bom recorte: N largo, X bem aberto e simétrico, S simétrico também.

Na l. 1, o I encontra-se no esborcinado da pedra; do A, a erosão levou a haste da esquerda e a barra horizontal; O não perfeitamente circular; do P, resta o traço vertical. Na l. 2, a pedra fracturou pela haste vertical do T, que se reconstituiu bem. O numeral deve ler-se XVIII (e não XVIII) para se respeitar o rigor simétrico da barra horizontal que o encima e que não abarca, no começo, a totalidade do X; além disso, o último I é tão igual e paralelo aos três primeiros que dificilmente o lapicida teria encarado a hipótese de iniciar assim nova palavra, mesmo que fora a saudação imperial. Nada mais se nota no final dessa linha nem na inferior, completamente gasta.

Atendendo ao módulo das letras e à identificação do imperador em nominativo, trata-se, sem dúvida, duma inscrição monumental. A reconstituição que apresentamos tomou como pontos de partida: o numeral do poder tribunicio (cuja identificação não oferecia dúvidas), a terminação -IANVS do nome imperial e a localização do epíteto OPTIMVS⁽²⁾. Se considerarmos que,

(2) Há paralelos peninsulares: CIL II 2097 = ILER 1101, de Zambra (Cordoba), e CIL II 1028 = 5543 = ILER 1102, de Azuaga (Badajoz), datável do mesmo ano. Em CIL II 2010 = ILER 1100, homenagem dos Nescanienses ao imperador, a expressão OPTIMO MAXIMOQUE PRINCIPI vem no final; o mesmo sucede na dedicatória mandada lavrar, a título póstumo, pela *respublica Aratispitanorum*, proveniente de Cauche el Viejo, Málaga (CIL II 2054 = ILER 1103). Esta designação constitui a «incarnação da coragem militar e da superação de si próprio»: ÉTIENNE (R.), *Le*

segundo Cagnat⁽³⁾, Trajano foi cognominado de *Optimus* em Julho ou Agosto de 114 e que deteve o poder tribunício pela 19.^a vez de 10 de Dezembro de 114 a 9 de Dezembro de 115, o texto datará verosimilmente do ano 115, reconstituindo-se, em consequência e como hipótese plausível, as indicações relativas aos outros títulos imperiais: a 9.^a saudação imperial (a partir de finais do ano 114); o 6.^o consulado, mencionado a partir de 112; omitindo-se *Parthicus*, só oficialmente atribuído entre Abril e Agosto de 116⁽⁴⁾.

Por conseguinte, se a nossa reconstituição está correcta⁽⁵⁾, a placa poderia ter tido originalmente cerca de 4,5 metros de comprido e mais ou menos 80 centímetros de altura.

Que monumento teria sido esse onde a placa esteve afixada?

O enigma poderá resolver-se se for encontrado mais algum fragmento, sobretudo se ele contiver parte da linha 3, onde é bem possível que tivesse figurado tal preciosa indicação. A hipótese de se tratar do arco de triunfo duma ponte não é, de modo nenhum, desprovida de sentido se pensarmos na importância que teve na região a rede viária romana⁽⁶⁾ e se atentarmos na remota origem do topónimo *Ponte* de Sor. Recorde-se que, não muito longe, idêntico procedimento se teve, em 105, quando da construção da ponte de Alcântara sobre o rio Tejo (CIL II 759 = ILER 1099). Só que, aí, não vem identificada a obra. Se o mesmo se passar aqui, as referências incluídas na l. 3 poderiam estar centradas, obedecendo a sua paginação a um eixo de simetria.

Fica, desta sorte, documentado também aqui o «considerável investimento na renovação e melhoramento da rede viária» peninsular levado a cabo por Trajano «com obras que terão tido sequên-

Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien, Paris, 1974 (reimp.), 471. Segundo este autor (*ibidem*, 473), o *agnomen* *Optimus*, de Trajano, «aparece pela primeira vez na Hispânia em 111-112».

(3) CAGNAT (R.), *Cours d'Épigraphie Latine*, Paris, 41914, 193 e 194.

(4) CAGNAT (R.), *o. c.*, 194.

(5) É sempre aleatória a forma como, num texto imperial, são indicadas as abreviaturas.

(6) Por aí passava a via Olisipo — Emerita: cf. ALARCÃO (Jorge de), *O Domínio Romano em Portugal*, Mem Martins, 1988, 99, e a síntese apresentada por um de nós (J. d'Encarnação) no relatório que fez aquando das II Jornadas Arqueológicas do Nordeste Alentejano (Monforte, Abril de 1989), a publicar nas respectivas actas, sob o título *O Nordeste alentejano ao tempo dos Romanos — balanço e perspectivas da investigação*.

cia no reinado de Adriano»(7). A este testemunho se poderá ajuntar, por exemplo, além da referida ponte de Alcântara, a ponte de Chaves (CIL II 2478 = ILER 2068), os miliários da Calécia romana (8); os de Cieza, na via Saltigi — Carthago Nova (9); e outros (10). Parece, porém, gizar-se desde já — e esta é, talvez, uma hipótese de trabalho a explorar — que Trajano terá começado por dedicar a sua atenção ao Noroeste peninsular (até 108), e só depois se interessou mais pelo Sul (11).

JOSÉ RAFAEL CORREIA DA SILVA
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

(7) ALARCÃO, *o. c.*, 29. Os termos *refecit* e *restituit* são comuns nessas epígrafes. Em Cordoba, CIL II 4725 (= ILER 2023), datada do ano 98, explicita: «vias vetustate corruptas refecit et restituit». Com base no quadro cronológico dos miliários que estabeleceu, P. Sillières assinalou também «o grande esforço feito durante os reinados de Trajano e de Adriano» no domínio da rede viária (*Les milliaires du Sud de la Péninsule Ibérique, «Épigraphie Hispanique — Problèmes de Méthode et d'Édition», Paris, 1984, 276*). De facto, Trajano ocupa, com Tibério, o 3.º lugar em número de miliários (8) identificados por aquele investigador no Sul da Península (*ibidem*, 275).

(8) Cf. TRANOY (Alain), *La Galice Romaine*, Paris, 1981, 207-210. Note-se, porém, que se trata apenas de quatro referências e que são também somente quatro as dedicatórias feitas em sua honra e todas pelos Aquilavienses, entre os anos 100 e 108 (*ibidem*, 332).

(9) SILLIÈRES (P.), *Une grande route romaine menant à Carthagène: la voie Saltigi — Carthago Nova*, «Madrider Mitteilungen», 23, 1982, 249.

(10) Ver, por exemplo, nos índices de ILER (p. 770), as referências peninsulares a este imperador.

(11) No artigo *De la borne milliaire à la dédicace impériale — L'exemple de quelques inscriptions routières de l'Hispanie méridionale*, «Hommage à Robert Étienne», Paris, 1988, 353, anota P. Sillières que a quase totalidade dos miliários de Trajano achados na Península datam do ano 98. Registe-se ainda, como simples curiosidade talvez, a circunstância de uma cidade como Capera ter erguido um arco em honra de Trajano: vide BLÁZQUEZ (J. M.), *Caparra. Excavaciones Arqueológicas en España, I*, 1965, 45 e seg. Mérida, a capital da Lusitânia, teve igualmente arco de homenagem a Trajano e houve autores que, embora sem grandes argumentos, atribuíram ao tempo deste imperador obras de reconstrução na ponte de Mérida sobre o Guadiana: cf. ALVAREZ MARTINEZ (J. M.^a), *El Puente Romano de Merida*, Badajoz, 1983, 32.



Foto 162

Foto de *Foto Sor*

Ficheiro Epigráfico, 36, 1990.

EPITÁFIO PROCEDENTE
DE SANTIAGO DE LITÉM*(Conventus Scallabitanus)*

Foto 163

O Pe. Américo Ferreira, reitor do Seminário Diocesano de Nossa Senhora de Fátima, de Leiria, identificou, a 27 de Agosto de 1989, um cipo romano proveniente do antigo solar de João de Barros, na Quinta do Litém (freguesia de Santiago de Litém, concelho de Pombal), onde fora reutilizado para patamar da escada exterior que dava acesso à varanda do primeiro andar. Trouxe-o para o seminário, onde se encontra (1).

Para se adequar à reutilização, o monumento — de mármore rosado — foi, decerto, partido a meio, se tivermos em conta a tipologia corrente dos cipos romanos da região. Restará, pois, a metade superior, com a inscrição já muito gasta, quiçá pela constante passagem dos moradores do solar. O desgaste é par-

(1) Acerca do monumento publicou o Rev.^{do} Américo Ferreira o artigo *Uma lápide romana inédita da Ribeira de Litém* («Diário de Leiria», 28-12-1989, p. 2), que comentei no mesmo jornal (edição de 24-01-90) em breve nota subordinada ao título *Algumas achegas sobre a inscrição romana da Ribeira de Litém*. Agradeço ao Dr. Américo Ferreira o amável convite para me fazer eco do monumento nas páginas do «Ficheiro Epigráfico»; e ao Dr. Bezeira Moreira, incansável companheiro nas lides epigráficas no distrito de Leiria, as fotografias que fez e as informações concretas que me forneceu sobre as características físicas da peça. Este breve estudo — que a ambos, por isso, muito deve — outro objectivo não tem senão o de sistematizar e divulgar na comunidade científica elementos já referidos, corrigindo alguns pormenores de leitura que nova observação do monumento veio permitir.

ticularmente evidente ao nível do final das linhas 1, 2 e 3. As arestas sofreram também muitas escoriações, de forma que nenhuma das dimensões actuais corresponde às medidas originais e inclusive a face posterior se apresenta sem qualquer vestígio de alisamento; não é possível garantir se fora primitivamente afeiçoada, a permitir, portanto, uma visão total do monumento, mas é bem provável que sim.

Dimensões: (60) × (72,5) × (32).

Campo epigráfico: (37) × 55.

D(is) M(anibus) / RVFINAE / LVBAECI [F(iliae)] / AN(norum)
XXXX (quadraginta) / ⁵ ÖCVLATIA MATER / P(onendum)
C(uravit) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)

Aos deuses Manes. A Rufina, filha de Lubeco, de quarenta anos — a mãe, Oculácia, mandou colocar. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: l. 1 e 2: 5; l. 3: 5,2/5,5 (V = 5); l. 4: 5 (3.º X = 5,2); l. 5: 5/5,5 (V = 2,7, I = 4); l. 6: 5,2/5,7. Espaços: 1: 11; 2 e 3: 1; 4: 1,5; 5 e 6: 0,8; 7: 13.

No final das linhas 2 e 3, haveria espaço para mais letras; creio, todavia, que não terão existido.

Paginação verosimilmente segundo um eixo de simetria; daí os espaços em branco no meio das l. 4 e 6, o V incluso no C e o I mais pequeno na l. 5. O texto encontra-se distribuído por linhas de acordo com a sua lógica interna. Caracteres actuários, quase do tipo monumental, regulares e simétricos: O bem circular, barras horizontais curtas (inexistentes, porém, no A).

A estrutura do texto corresponde à usual na epigrafia da região⁽²⁾: invocação aos deuses Manes sem *sacrum*; nome do defunto em dativo, dependente da fórmula final, a emprestar ao epitáfio uma conotação honorífica; idade arredondada em lustros.

(2) Cf. BRANDÃO (D. Pinho), *Epigrafia romana coliponense*, «Conimbriga», 11, 1972, pp. 41-192, por exemplo nos n.ºs XX, XXX, XXXVIII, XL e XLIV; e também FE 144.

A defunta vem identificada à maneira indígena, apenas com um nome, *Rufina*. Este antropónimo, latino, assim como *Rufus* de que é diminutivo, é dos mais frequentemente adoptados pela população indígena peninsular quando começa a inserir-se no esquema onomástico romano; documenta-se outras vezes nesta área⁽³⁾.

Por seu turno, *Lubaecus*, de raiz pré-romana peninsular, só se registou, até ao momento, na Lusitânia⁽⁴⁾.

A mãe detém apenas um nome, *Oculatia*, de origem latina. Podemos considerá-lo gentílico e, nesse caso, a dedicante estaria identificada bem à maneira latina, somente pelo gentílico, como acontece na Península Ibérica nos primórdios do Império, antes da vulgarização do uso do cognome. Outra hipótese seria ver aqui a utilização de um *nomen* com funções de nome único, à maneira indígena, o que também se documenta na epigrafia peninsular⁽⁵⁾. Trata-se, de qualquer modo, de um antropónimo pouco

†

(3) Cf. BRANDÃO, *art. cit.*, n.ºs III e XXXI. Para a totalidade da Península Ibérica, ver ILER (= VIVES, José, *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, 1971 e 1972), pp. 741-742.

(4) Na Egitânia, por duas vezes (ILER 6454); na província de Cáceres, em Torre de Santa María (ILER 6214 = HURTADO DE SAN ANTONIO, Ricardo, *Corpus Provincial de Incripciones Latinas (Cáceres)* [= CPILC], Cáceres, 1977, n.º 500) e em Ibahernando (EE IX 105, ILER 3638 = 3915, CPILC 272); em Ade, Almeida (CURADO, Fernando Patricio, *Epigrafia das Beiras (Notas e correções — 1)*, «Beira Alta», 44 (4), 1985, pp. 652-653); e, provavelmente, em Alter do Chão (ENCARNAÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, n.º 635).

Maria de Lourdes Albertos referiu por diversas vezes nos seus trabalhos este antropónimo. Assim, incluiu-o (in *Onomastique personnelle indigène de la Péninsule Ibérique sous la domination romaine*, «Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt», 2, 29.2, 1983, p. 870) entre os nomes mais documentados no território de Vetões e Lusitanos; e deu conta dalguns desses testemunhos na 1.ª e na 2.ª série dos seus *Nuevos antropónimos hispanicos* («Emerita» 33, 1965, p. 109, e 40, 1972, p. 297).

(5) Em contexto indígena, conhecem-se os seguintes exemplos: em Miranda do Douro (VASCONCELOS, José Leite de, *Epigrafia do Museu Etnológico (Belém)*, «O Arqueólogo Português», 28, 1929, p. 217); em Játiva, nos *canabae* da *Legio VII Gemina* (CIL II 2685 = ILER 4168; TRANOY, Alain, *La Galice Romaine*, Paris, 1981, p. 350, n. 276). Exercendo funções de gentílico, mas ainda em contexto indígena, temos *Oculatius Cangili f. Segisamunus gente Viromenigorum* (CIL II 5741 = ILER 5497). Apesar de M.ª Lourdes Albertos (in *Onomastica personal en las inscripciones romanas de Alava*, «Actas

vulgar⁽⁶⁾ — a denotar, portanto, razoáveis conhecimentos onomásticos.

O epitáfio vem, pois, confirmar a aculturação, no aro da actual Leiria — ou seja, muito provavelmente, no território de *Collipo* — de duas populações cultural e etnicamente distintas: uma, aqui representada pela mãe, cujas raízes se hão-de procurar fora da Hispânia, de preferência na Península Itálica; outra, anterior à instalação dos Romanos, revelada pela onomástica do pai. Da sua união nasce uma *Rufina*, cujo nome — latino mas usado à moda indígena — reflecte exemplarmente essas duas influências.

Pela paleografia, pelo modo de identificação das personagens e pela estrutura do texto — é monumento datável de meados do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

del Congreso de Estudios Historicos sobre la Formación de Alava», Alava, 1982, p. 50) só ter apontado a possibilidade do nominativo *Oculatus* para o genitivo patronímico *Oculati* registado em Luzcando (ILER 4696 e 6305), penso que *Oculatius* também poderia ser hipótese a considerar.

⁽⁶⁾ Num contexto claramente romanizado, mas ainda na Península Ibérica, *Oculatius* é o gentilício duma família de burgueses municipais em Ibiza (CIL II 3659 = ILER 364 e CIL II 3662 = ILER 5530). Mas, em contrapartida, na itálica Sarsina, um dos proeminentes membros da localmente bem notável *gens Murcia* ostenta *Oculatius* como cognome: *L. Murcius A. f. Pup. Oculatius*: vide CALBI, Alda, *Sarsina: prosopografía e indici sociali*, «Cultura Epigrafica dell'Appennino», Faenza, 1985, p. 166, n.º 139. O seu imponente mausoléu, datável de meados do século I a. C., vem reproduzido em «IBC Informazioni» (Bolonha), 6, Nov/Dez 1989, p. 13. Kajanto, porém, não inclui *Oculatius* entre os cognomes latinos (in *The Latin Cognomina*, Helsinki 1965, Roma 21982); H. Solin e O. Salemies, ao invés, a propósito do monumento de Astorga onde a princípio se lera *Oculasius* como cognome de um *Iulius* (EE IX 292i) e provavelmente se deverá ler de preferência este nome, incluem-no na lista dos cognomes, mas sob reservas (*Repertorium Nominum Gentilium et Cognominum Latinorum*, Hildesheim, 1988, p. 371), certamente por desconhecerem o referido exemplo de Sarsina.



Foto 163

Foto de J. BELEZA MOREIRA

UM EPITÁFIO DE S. PEDRO DO CASTRO
(FERREIRA DO ZÊZERE)

Foto 164

Estela funerária de calcário, que se encontra na parede exterior norte da capela de S. Pedro do Castro, freguesia e concelho de Ferreira do Zêzere, distrito de Santarém (*Conventus Scallabitanus*).

Foi posta a descoberto por alguém que limpou parte dela da cal que a cobria. Utilizada na construção da capela, apresenta-se praticamente intacta, embora tenha sido desbastada na parte superior, formando um arredondado.

Apresenta campo epigráfico moldurado, sendo a moldura estreita e um pouco grosseira.

Dimensões: 52 × 38.

Campo epigráfico: 52 × 35.

ANDAMV[S] / ARCONIS.SITVS / HOC. MAR<M>OREM /
H(ic) [?] S(itus) [?] ANNORVM V (*quinque*) /⁵M(ensium) XXX (*triginta*) CVM. [IG]/NATA MA(*tre*) SVA [...] / CIV [...] / [...NO...] / [...O...] /¹⁰[...] ANORV[M]?

Andamo, filho de Arcão, inscrito neste epitáfio, com 30 anos e cinco meses, está aqui sepultado com a sua mãe desconhecida ...

Altura das letras: l. 1: 5; l. 2 a 5: 3,5; l. 6 a 10: 3. Espaços: 1: 3; 2: 1,5; restantes: menos de 1.

Boa paginação, embora os alinhamentos à esquerda e à direita sejam irregulares. Caracteres capitais, ligeiramente irregulares: o C da l. 2 é mais imperfeito que o da l. 3; o mesmo se passa com os RR.

A inscrição contém algumas incongruências (erros gramaticais?), a que é difícil dar uma solução. Quem a mandou lavar (os antropónimos são de origem indígena) parecia conhecer mal o latim, o que não seria invulgar entre povos recentemente romanizados.

Assim, na l. 2, mesmo tendo sido omitida a indicação da filiação, sabemos tratar-se do patronímico, pois esta situação tem paralelos, p. e., em muitas inscrições do Nordeste transmontano. Nas l. 4 e 5, o lapicida *ordinator* deve ter-se enganado a gravar a idade, pois o defunto não teria cinco anos e trinta meses, mas sim trinta anos e cinco meses.

Por a estela se encontrar muito desgastada na sua metade inferior, torna-se difícil, por ora, efectuar a sua leitura; no entanto, reconhecem-se algumas letras e, por vezes, palavras, de que, pela incerteza da sua leitura, me inibiu de tentar uma reconstituição.

O antropónimo *Andamus* (1), de origem indígena, aparece com frequência nas línguas célticas. É muito raro na Península Ibérica, aparecendo, para além deste, na Lusitânia, apenas um outro *Andami* (2), em Cáceres. Na Gália, registam-se um terceiro e um quarto, na mesma inscrição, sob a forma de patronímico (*Andami*) e nome do filho (*Andamionius*) (3).

Arco é, também, um nome de origem indígena, específico e relativamente comum na Lusitânia, pois fora dela apenas aparecem registados dois exemplos (4).

(1) UNTERMANN, Jürgen, *Elementos de un Atlas Antroponimico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965, mapa 86.

(2) ILER 6358 = CPILC 11: SALGIV / TANGIN. / H.S.E.S.T. / NEIDVEN / ANDAMI / D(e) S(uo) f.c..

(3) CIL III 8486 (ANDAMIONIUS ANDAMI F.).

(4) ALBERTOS, M. Lourdes, *La Onomastica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense y Betica*, Salamanca, 1966, p. 32; UNTERMANN, o. c., mapa 10.

Pela onomástica indígena, pela ausência de invocação aos deuses Manes e apresentação do defunto no nominativo situaria esta inscrição no séc. I d. C., com algumas reservas, pois como a inscrição foi cortada na parte superior, não sabemos se tinha invocação ou não.

CARLOS BATATA



Foto 164

Foto de ANTÓNIO VENTURA

Ficheiro Epigráfico, 36, 1990.